MÃE DA LUA

Poemas

Wanderley Beraldo

Copyright © Wanderley Beraldo.
2018 - Todos os direitos reservados.

Beraldo, Wanderley.

MÃE-DA-LUA: /Wanderley Beraldo.
1ª.ed. – São Paulo: Clube de Autores, 2018.
2ª.ed. – São Paulo: Clube de Autores, 2023.

Poesia Brasileira.

Capa: Lih Moura

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização do autor. (Lei nº 9.610 de 19.2.98)

Contato com o autor:
E-mail: wanderleyberaldo@hotmail.com
Facebook: https://www.facebook.com/adm.beraldo/

Por que Mãe da Lua?

Ao cair da noite, quando corujas e morcegos saem em busca de alimento, um animal raro e quase desconhecido sai à caça também. Seu nome enigmático é Mãe-da-lua, ou também chamado de Urutau-gigante, uma ave muito especial e rara de ser vista. Uma das razões disso é sua inigualável camuflagem com coloração acinzentada e amarronzada, apresentando tons e detalhes quase que idênticos aos das texturas das árvores.

Assim são os meus versos: Enigmáticos, especiais, raros, camuflados dentro dos livros, nas estantes, nas bibliotecas à espera de serem vistos, observados e contemplados...

Durante o dia, a ave escolhe normalmente um galho bifurcado, ergue seu bico ao céu e, em uma posição que parece muito desconfortável, se mantém estática para adormecer sem ser importunada. A perfeição da camuflagem é tanta que o Mãe-da-lua desaparece aos olhos dos desavisados, se assemelhando de forma incrível a um galho quebrado.

Estáticos, adormecidos, mas vivos...

A natureza atingiu um grau de especialização tão grande nos lindos olhos dessa ave que suas pálpebras possuem estruturas semelhantes a cortinas, formando pequenos orifícios ao se fecharem e permitindo ao Mãe-da-lua enxergar os acontecimentos ao seu redor mesmo de olhos fechados.

Observando a indiferença, mesmo de olhos fechados,
daqueles que lhes fecham os olhos...

À noite, a ave é imponente. Suas asas, de 1 metro de envergadura, batem em um voo silencioso. O Mãe-da-lua é um predador noturno, muitas vezes confundido com as corujas. Seu bico apresenta uma abertura gigantesca com "lábios" que ultrapassam o nível dos olhos, permitindo comer insetos em pleno voo. Também se alimenta de morcegos e pequenas aves. A ave pertence à Ordem dos Caprimulgiformes, da família dos Nyctibiidae, ocorrendo no Brasil 3 espécies: *Nyctibius grandis* (Mãe-da-Lua Gigante); *Nyctibius griseus* (Urutau) e *Nyctibius aethereus* (Mãe-da-Lua Parda).

Nascem, crescem e se alimentam da solidão das noites...

Porém, não se sabe se o Mãe-da-lua é raro devido a existência de poucos indivíduos na natureza ou à fantástica camuflagem.

Não são poucos, mas raramente são vistos...

O que se sabe é que as lendas em torno dessa incrível ave são muitas. Dizem que seu canto traz mensagens do mundo dos mortos, entregando boa sorte aos amigos e azar aos inimigos.

São plenos de mensagens, o teor depende que os lê...

Outra lenda diz que uma índia passou grande sofrimento por um amor impossível e tamanha foi sua

tristeza, que a jovem se transformou no urutau, sendo condenada a empoleirar-se toda noite em um tronco de árvore, vagando pela noite a olhar fixamente para a Lua e a cantar sua tristeza pela falta de seu amor. A ave possui um arrepiante canto, um som alto ecoa na noite, parecendo um grito de desespero de alguém em grande perigo. Outra lenda afirma que o urutau foi um menino órfão, transformado em ave que chora triste todas as noites a perda de seus pais.

Cantam as tristezas, vagando pelas solidões, namorando a lua...

Dizem que as penas do urutau são talismãs do amor. Dizem que varrer o chão sob o véu de uma noiva, utilizando as penas da ave, garante todas as virtudes do mundo às futuras esposas. Dizem muitas coisas, porém a impressão que fica é que o urutau, ou mãe-da-lua, é uma ave mágica.

São mágicos e querem apenas doar amor, para quem os ouve, os vê e os usa.

Apenas versos:

Mágicos agouros de Amor

Basta ver, ouvir, ler e usar.

Mãe da Lua

Chora lua.
Grita, dentro da noite
De lua nova,
Seus lamentos de pavor,
Acordando maldições ancestrais
Do sono das igaçabas.

Espectros de fumaça
Dos cachimbos rituais
De finados pajés.

Chora lua, chama.

Rasga mortalha,
Grita, dentro da noite
De lua escura de terror,
Seus lamentos de morte,
Acordando solidões imemoriais
Do sono dos sarcófagos.

Figuras desconexas
De almas ancestrais
Em busca de fé.

Rasga mortalha, chora.

Mãe da lua,
Chama e chora,
Acordando em mim,
Noite escura
De medo e solidão.

Dúvidas

Quando falar,
Sabendo, que palavras malditas
Destilam veneno,
Que adoecem as emoções sutis,
De quem fala e de quem escuta?

Palavras são senhoras do poder,
Mas, escravas da própria criação.

Se mal escritas,
Se tornam cadáveres insepultos,
Que machucam perenemente,
Qual vergastas nos olhos nus,
De quem escreve e de quem lê.

Palavras dominam e escravizam,
Mas, podem libertar e abençoar.

Quando calar,
Sabendo, que os silêncios falam
Palavras peçonhentas,
Que adoecem tênues certezas
De quem se cala?

Silêncios são senhores dos segredos,
Mas, escravos da própria negação.

Se mal-entendidos,
Se tornam palavras proferidas,

Que machucam, perenemente,
Qual vergastas nos ouvidos nus
De quem nada escuta.

Silêncios dominam e escravizam,
Mas, podem libertar e bendizer,
Quando falar e quando calar.

Eis a dúvida, que não se cala.

Nova Raça

Completando a miscigenação,
De maneira total e inconteste.

No alvorecer dessa nova raça
Monocromática e purificada,
Ultrapassados ideais racistas,
Estarão mortos e enterrados.

Abaixo, os sonhos separatistas.

Regredindo todas as religiões,
De maneira total e inconteste.

No ventre da nascente original,
Incensos ungidos dos turíbulos
Usados, por mãos sacerdotais,
Engrandecerão um Deus único.

Abaixo, a odisseia dos deuses.

Unificando todos os estados,
De maneira total e inconteste.

Na extinção de falsas fronteiras,
Seremos todos cidadãos da terra,
Livres primogênitos semelhantes
De uma mesma pátria unificada.

Abaixo, a guerra entre os povos.

Desabando os sistemas políticos,
De maneira total e inconteste.

Na derrubada de frágeis estátuas,
Cujos pedestais seriam de barro,
Os delírios comuno-capitalistas
Darão vez ao governo espiritual.

Decretada a harmonia afinal.

Diluindo os ramos da sociedade,
De maneira total e inconteste.

Na germinação duma nova ordem,
Mais igualitária sincera e humana,
Serão todos os direitos e deveres,
Justos para toda a humanidade.

Decretada a igualdade social.

Num instante, pleno de mistérios,
Os véus dos segredos esotéricos,
Serão descerrados no cerrado

E, mostrarão um futuro próximo,
Onde despertará essa nova raça,
Fecundada no útero do Brasil.

Decretada a felicidade geral.

Sermão da Montanha

Lírios nos campos,
Pássaros dançando nos céus,

Vinhos consagrados,
Cestadas de pães partilhados,

Pregação nos altos,
Escutas de bem-aventurados,

Palavras de perdão,
Perfeitas de pura transformação,

Mistério profundo,
Rasgando o silêncio dos tempos.

Ecos da voz de Cristo,
Pregando seu eterno sermão.

Palavras

Para os meus versos,
Quero palavras reflexivas,
Encharcadas de emoções sutis,
Com pitadas de alma,
Para que se possível,
Despertem todos os matizes
Das paixões e dos amores.

Para os meus versos,
Quero palavras libertadoras,
Sem os grilhões das gramáticas,
Com pitadas de calma,
Para que, se possível,
Te levem nas asas das brisas
Às paixões e aos amores.

Para os meus versos,
Não quero palavras opressoras,
Escondidas, nas sombras das formas,
Com requintes de arma,
Para que, se possível,
Apenas inflamem as chamas
Das paixões e dos amores.

Para os meus versos,
Quero apenas palavras,
Paixões e amores.

Pesadelos Noturnos

Proféticas pitonisas, vaticinando
Sortilégios sacrílegos, dentro da noite
Quente, como as chamas do inferno,
Enquanto, um cão rosna ameaças,
Dentro da barca dos desgraçados.

É a minha alma, em plena travessia.

Pestilentas prostitutas, rodopiando
Frenéticos fandangos, dentro da roda
Quente, como a solidão do deserto,
Enquanto, corredeiras de enxofre arrastam
A barca dos abandonados.

É a minha alma, em plena travessia.

Milenares maldições, reverberando
Deletérias desgraças de morte
Gélida, como o sono do abandono,
Enquanto, não se chega à outra margem,
Nessa barca dos condenados.

É a minha alma, em plena travessia.

Sulfurentos súcubos, copulando,
Espectros etéreos, dentro da orgia
Negra, como as sombras da noite,
Enquanto, a danação se concretiza,
Para a barca dos desventurados.

É a minha alma, em plena travessia.

Tenebrosa travessia, terminando
Perversos pesadelos da negra noite
Quente, como inferno e desertos,
Agora, o corpo retoma o comando
Da barca dos despertados,

Á espera, da próxima travessia.

Minha pequena Mãe

Minha pequena mãe
Tem a imagem e semelhança,
De uma haste de junco,
Á beira do charco.

No entanto, não te enganes
Tanta fragilidade,
Em minguado espaço,
É cabal engodo.

Minha pequena mãe
Tem a fortaleza,
De uma haste de junco
Á beira do charco.

Em meio às tempestades,
Dobra-se em oração,
Mas, não se quebra
E aguarda a calmaria.

Minha pequena mãe
Tem a juventude
Da eternidade,
Nas rugas do rosto;

Tem a eternidade
Da juventude,
Na ingenuidade
De sua sabedoria.

Minha pequena mãe
Tem a natureza,
Dos minérios nobres
De esmerada têmpera,

Que foram acrisolando,
De forma carinhosa,
No forno do tempo,
O aço do corpo e da alma

Minha pequena mãe,
Ah! Minha pequena mãe
Tem o diminuto tamanho
Da amplitude do infinito.

(Para minha mãe – Edivina Teixeira Beraldo)